

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

MULHERES E PODER UM MANIFESTO MARY BEARD

BEST-SELLER NOS ESTADOS UNIDOS E NA INGLATERRA

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

MULHERES E PODER UM MANIFESTO MARY BEARD

Tradução

Celina Portocarrero

Tradução da edição atualizada

Jennifer Koppe

CRÍTICA

Copyright © Mary Beard Publications, 2017, 2023
Copyright de tradução © Celina Portocarrero
Copyright de tradução da edição atualizada © Jennifer Koppe
Título original: *Women & Power*
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Thais Rimkus

Revisão: Isabel Cury, Eliana Rocha, Andréa Bruno e Algo Novo Editorial

Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini

Capa: Tereza Bettinardi

Adaptação de capa: Camila Senaque

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beard, Mary

Mulheres e poder: um manifesto / Mary Beard; tradução de Jennifer Koppe. –

2. ed. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

144 p.

ISBN: 978-85-422-1933-3

Título original: *Women and Power*

1. Mulheres 2. Mulheres - História 3. Feminismo 4. Liderança em mulheres 5.
Mulheres na política I. Título II. Koppe, Jennifer

23-0400

CDD 305.409

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres - História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Prefácio..... 9

A voz pública das mulheres..... 13

Mulheres no poder..... 55

Posfácio..... 99

Referências e outras leituras..... 115

Agradecimentos..... 123

Lista de imagens..... 125

Índice remissivo..... 133

A VOZ PÚBLICA
DAS MULHERES

CRÍTICA

Quero começar muito perto do início da tradição da literatura ocidental e do primeiro exemplo registrado de um homem mandando uma mulher “calar a boca” e afirmando que a voz dela não deveria ser ouvida em público. Refiro-me a um momento imortalizado no começo da *Odisseia*, de Homero, há quase 3 mil anos. Tendemos, hoje, a pensar na *Odisseia* apenas como a épica história de Ulisses e as aventuras e enrascadas vividas por ele ao voltar para casa depois da Guerra de Troia – enquanto, por décadas, sua esposa, Penélope, o esperava, leal, repelindo os pretendentes que faziam pressão para se casar com ela. Mas a *Odisseia* é também a história de Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope. É a história do seu crescimento e de como, ao longo do texto, ele amadurece, passando de menino a homem. Esse processo surge no primeiro

livro do poema, quando Penélope desce de seus aposentos particulares e vai ao grande saguão do palácio, onde um bardo se apresenta perante a multidão de pretendentes; ele canta as dificuldades encontradas pelos heróis gregos ao voltarem para casa. A música não a agrada, e ela, diante de todos, pede-lhe que escolha outro tema, mais feliz. Nesse momento, inter-vém o jovem Telêmaco:

— Mãe — diz ele —, volte para seus aposentos e retome seu próprio trabalho, o tear e a roca... Discursos são coisas de homens, de todos os homens, e meu, mais que de qualquer outro, pois minha fala é o poder nesta casa.

E lá se vai ela, de volta ao andar de cima.

Há algo um tanto ridículo nesse menino recém-saído das fraldas calando a experiente Penélope, de meia-idade. Mas é uma boa demonstração de que, no ponto em que começam as provas escritas da cultura ocidental, as vozes femininas não eram ouvidas em âmbito público. Mais que isso, na visão de Homero, parte do amadurecimento, no caso do homem, é aprender a assumir o controle do pronunciamento público e silenciar a fêmea da espécie. As próprias palavras ditas por Telêmaco também são significativas. Quando ele diz que “discurso” é “coisa de homem”, a palavra



1. Nesse vaso ateniense do século V a.C., Penélope é vista sentada em seu tear (tecer era o símbolo característico de uma boa dona de casa grega). Telêmaco está de pé diante dela.

é *muthos*, mas não no sentido que chegou até nós, de mito. No grego homérico, *muthos* define o discurso público abalizado, não o tipo de conversa, tagarelice ou fofoca a que qualquer pessoa – inclusive as mulheres, ou em especial as mulheres – poderia se dedicar.

O que me interessa é a relação entre esse clássico momento homérico de silenciar uma mulher e alguns dos modos como vozes femininas não são publicamente ouvidas em nossa própria cultura contemporânea e em nossa política, das cadeiras do Parlamento ao chão das fábricas. É uma notória surdez, lindamente parodiada numa velha charge de *Punch*: “Excelente sugestão, srta. Triggs. Talvez um dos homens aqui presentes queira executá-la”. Quero refletir sobre como isso pode estar relacionado com o abuso a que, mesmo agora, são submetidas muitas mulheres que realmente *se manifestam*, e uma das questões que me ocorrem é a conexão entre manifestações públicas a favor de uma imagem feminina numa cédula, ameaças de estupro e decapitação via Twitter e a desqualificação de Penélope por Telêmaco.

Meu objetivo aqui é uma visão de longo alcance, de muito longo alcance, da culturalmente constrangedora relação entre a voz das mulheres e a esfera pública



“Excelente sugestão, srta. Triggs.
Talvez um dos homens aqui presentes queira executá-la.”

2. Há quase trinta anos, a cartunista Riana Duncan capturou a atmosfera sexista das reuniões de trabalho ou de diretoria. É difícil encontrar uma mulher que tenha aberto a boca numa reunião e não tenha, em algum momento, recebido o “tratamento da srta. Triggs”.

de discursos, debates e comentários – política em seu sentido mais amplo, dos comitês empresariais às sessões no Parlamento. Espero que tal visão de longo alcance nos ajude a ir além do simples diagnóstico de “misoginia” em que, com alguma preguiça, tendemos a reincidir. Tudo bem, “misoginia” é uma maneira de descrever o que está acontecendo. (Se uma mulher vai a um programa de debates na televisão e depois recebe uma série de tuítes comparando sua genitália a um sem-número de desagradáveis vegetais podres, é difícil encontrar palavra mais apropriada.) Mas, se quisermos compreender o fato – e fazer alguma coisa a esse respeito – de que as mulheres, mesmo quando não são silenciadas, ainda pagam um preço muito alto para serem ouvidas, precisamos reconhecer que as coisas são um pouco mais complicadas e que há uma longa história por trás de tudo.

A explosão de Telêmaco foi apenas o primeiro caso de uma longa série de tentativas bem-sucedidas que se estenderam por toda a Antiguidade greco-romana não apenas de excluir as mulheres do discurso público, mas também de alardear tal exclusão. No início do século IV a.C., por exemplo, Aristófanes dedicou uma comédia inteira à “hilarante” fantasia

de que as mulheres deveriam assumir o controle do Estado. Parte da graça era que as mulheres não sabiam falar adequadamente em público – ou melhor, eram incapazes de adaptar a linguagem pessoal (que, no caso, era amplamente ligada a sexo) ao sublime idioma da política masculina. No mundo romano, *Metamorfoses*, de Ovídio – esse extraordinário épico mitológico sobre pessoas que mudam de forma (e provavelmente a obra literária de maior influência na arte ocidental depois da Bíblia) –, volta por diversas vezes à ideia do silenciamento das mulheres no processo de transformação. A pobre Io é transformada numa vaca pelo deus Júpiter e, assim, não pode falar, só mugir; enquanto a tagarela ninfa Eco é punida de modo que a própria voz nunca mais seja dela mesma, e sim mero instrumento de repetição das palavras alheias. No famoso quadro de Waterhouse, ela olha para seu adorado Narciso, mas é incapaz de conversar com ele, enquanto ele – o “narcisista” original – se apaixonava pela própria imagem no lago.

Um confiável antologista romano do século I d.C. conseguiu reunir apenas três exemplos de “mulheres cuja natureza não era capaz de mantê-las em silêncio no Fórum”. Suas descrições são reveladoras.